

# **Memória e história da interiorização da UFPA: quando a memória constrói uma história coletiva**

## ***Memories and history of the internalization of UFPA: when memories builds a collective history***

Edilza Joana Oliveira Fontes<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo do artigo é escrever parte da história da interiorização da UFPA, usando as memórias de 25 professores e dirigentes da Universidade. O artigo tem como temas a formação de professores, o processo de implantação dos polos da UFPA e os cursos concentrados intervalares, lembrados 25 anos depois por um grupo que assim manifesta a construção de uma memória coletiva a este respeito.

**Palavras-chave:** Memória, formação de professores, História Oral, UFPA, Pará (Brasil).

**Abstract:** The objective of the article is writing about part of the history of internalization of UFPA (Pará State, Brazil) using the memories of 25 teachers and coordinators. The article's themes are the teacher's training and the creation process of the UFPA's poles-cities. Concentrated and intermissioned courses are remembered 25 years later from a group that, by this way, demonstrates that a collective memory has shaped.

**Keywords:** Memories, teacher's training, Oral History, UFPA, Pará (Brazil).

Este artigo é o resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade Federal do Pará, cujo objetivo é analisar o processo de interiorização da UFPA iniciado em meados dos anos 1980, com a realização dos vestibulares para os cursos de licenciatura plena em História, Geografia, Matemática, Letras e Pedagogia. Até 1984, a UFPA só tinha *campus* e cursos na capital do estado, ou seja, em Belém.

Pretendemos analisar o processo de consolidação dos *campi* da universidade nas várias regiões do estado. Nosso projeto de pesquisa utiliza-

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (2002); professora associada da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará - UFPA. E-mail: edilzafontes@yahoo.com.br

se de fontes orais, buscando analisar a construção de uma memória coletiva e o sentido ou as relações de pertencimento dos participantes do projeto de interiorização da UFPA, ao rememora-lo 25 anos depois, bem como matérias jornalísticas da grande imprensa do estado e a documentação da Associação dos Docentes da UFPA (ADUFPA).

O projeto pretende entrevistar 100 pessoas, entre reitores, vice-reitores, pró-reitores, ex-coordenadores de *campi*, ex-alunos, professores, servidores, dirigentes sindicais e dirigentes das entidades estudantis, buscando analisar a memória que eles construíram deste processo.

As narrativas que usaremos neste artigo fazem parte de nossa pesquisa sobre o processo de interiorização da UFPA.<sup>2</sup> Nelas encontramos informações e um olhar sobre o passado que não encontramos nas fontes escritas, ou seja, o uso das memórias enriqueceu a pesquisa e possibilitou uma maior compreensão do processo histórico, já que trouxeram para a narrativa histórica novas informações e incluíram, nos processos, sujeitos com suas experiências e histórias de vida não registradas em outras fontes.<sup>3</sup> Nossa pesquisa<sup>4</sup> procura registrar as memórias da interiorização e só o uso de fontes orais garante os sentidos que cada um dos sujeitos deu às suas experiências, às suas histórias de vida.

Na gestão do Reitor Daniel Queima Coelho (1983), ocorreu o processo de redemocratização da UFPA, que sem dúvida possibilitou a expansão da atuação da Universidade no interior do Estado. O professor Nilson Oliveira recorda que o Reitor Daniel Queima Coelho incentivou de forma incisiva o avanço democrático na UFPA, defendendo o processo eleitoral em sua sucessão.<sup>5</sup> Havia, dentro da Universidade, em 1982/83, uma grande movimentação pelas eleições diretas para reitor, perspectiva que ia

---

<sup>2</sup> A pesquisa que desenvolvemos é sobre o processo de interiorização da UFPA e trabalha com memórias de um processo recente, concluído na medida em que hoje a UFPA conta com dez *campi*, com corpo docente e instalações próprias.

<sup>3</sup> Entrevistamos 25 pessoas na primeira fase do projeto e entrevistaremos 100 pessoas até 2012. Faremos a análise destas as memórias confrontando com a com a documentação escrita dos conselhos da UFPA, com os jornais da grande imprensa e com a documentação do movimento docente da instituição.

<sup>4</sup> Nossa pesquisa tem três bolsistas: Elis Regina Correa Vieira, Pedro Ivo Carvalho de Castro e Vinicius Mendes Furtado alunos de graduação do Curso de História da UFPA, que realizaram parte da pesquisa deste artigo.

<sup>5</sup> Entrevista concedida pelo Professor Nilson Pinto para o Projeto “UFPA uma Universidade *Multicampi*: 25 anos de ensino superior regionalizado no Pará”. Entrevista concedida em 25 de maio de 2011. Foram 25 pessoas entrevistadas em 2011, sendo lançados 16 CDs com todas as narrativas.

ao encontro de toda a efervescência política que vivia o país na luta pela abertura política, sendo a Universidade sem dúvida um foco dessa luta.<sup>6</sup>

O CONSUN<sup>7</sup> da UFPA deliberou em agosto de 1984 que faria uma consulta à comunidade para a composição de uma lista sêxtupla, que seria enviada ao Ministro da Educação para indicação do reitor. Cada eleitor teria o direito de votar em seis nomes, e esta lista ainda passaria pelo crivo do Conselho Universitário. O processo foi muito rico porque fomentou debates e apresentação de projetos e programas.<sup>8</sup> O reitor indicado pelo ministro foi o professor Seixas Lourenço. A sua eleição, em 1984, representou um marco inaugural dentro do processo de redemocratização, sendo a primeira eleição com consulta à comunidade ocorrida na UFPA. Neste artigo usamos o termo redemocratização no sentido de entender que a UFPA, neste momento, faz parte do processo de redemocratização da sociedade brasileira que então questiona os governos militares, inserida em um processo de mobilização política, exigindo Diretas Já.

O professor Seixas Lourenço lembra que sua eleição foi importante em um momento de transição e de abertura política. Avalia que sua proposta de Universidade agradou:

Nós trabalhávamos com uma proposta de Universidade Amazônica, que foi elaborada por um conjunto de profissionais: de professores, com a participação de alunos e técnicos administrativos.<sup>9</sup>

Havia um debate sobre a necessidade de se interiorizar a Universidade. Segundo o professor Lourenço, era necessário ir “da interiorização até a internacionalização”, e logo que assumiu o cargo de Reitor, em 04 de Julho de 1985, apresentou ao então Ministro da Educação, Marco Maciel, o Projeto da UFPA de Interiorização. Antes, aprovou o

---

<sup>6</sup> Os outros reitores foram indicados a partir de listas sêxtuplas, elaboradas pelo CONSUN da UFPA; havia nomes vinculados com os governos militares.

<sup>7</sup> Conselho superior universitário da UFPA, que definiu as regras da consulta.

<sup>8</sup> No processo foram realizados mais de vinte debates e vários professores concorreram para compor a lista sêxtupla. O voto foi proporcional e o professor Lourenço foi o segundo colocado e o mais votado pelos estudantes.

<sup>9</sup> Entrevista concedida pelo Professor José Seixas Lourenço para o Projeto “UFPA uma Universidade *Multicampi*: 25 anos de ensino superior regionalizado no Pará”. Entrevista concedida ao projeto em Junho de 2011, publicada no repositório <<http://multimedia.ufpa.br/jspui/simplearch?query=interioriza%C3%A7%C3%A3o&submit.x=0&submit.y=0>>

Programa de Interiorização da Universidade, com a Resolução nº 1.355, em 1986, um ano depois sua posse.

A UFPA já tinha oferecido alguns cursos fora da capital, tentativas isoladas em alguns municípios do Estado. O Projeto de Interiorização foi algo que gerou muitas discussões, muitas vezes não registradas ou não detalhadas nas fontes escritas. Porém, ao longo das entrevistas, nossos depoentes expressaram uma visão unificada do processo histórico, que nos permite afirmar que há uma memória coletiva. Todos os segmentos sociais que participaram do processo de interiorização avaliam hoje que foi necessário e importante para a implantação da UFPA no estado o projeto de interiorização.

Partindo de um estudo com memórias, procuro analisar as complexas ligações que se estabelecem na construção destas memórias e a forma de pertencimento. Ligadas a um processo histórico, no caso a interiorização da UFPA, as narrativas sobre o processo de interiorização da UFPA estabeleceram eixos narrativos e uma base comum, uma estrutura de memória coletiva sobre a qual se delineiam contornos próprios. Trabalhamos com a ideia de que as memórias são construções que os indivíduos fazem no presente sobre o passado, segundo Halbwachs<sup>10</sup>. Há esquecimentos, silêncios e enquadramentos. Pollak<sup>11</sup> ressalta que na memória individual o indivíduo seleciona, grava, recalca, exclui, relembra; ao fazer isso, quem rememora faz uma organização das suas narrativas memorialísticas.

O professor José Seixas Lourenço, a professora Ana Tancredi e o professor Nilson Pinto deixam claro, nas suas memórias, que alguns membros da comunidade acadêmica se mostraram contrários ao projeto, ou desconfiados, sempre pelo mesmo motivo: a falta de recursos. Outros acusavam o projeto de megalomaniaco e diziam que nem mesmo a capital apresentava uma situação plenamente consolidada. O professor Nilson Pinto lembra que houve, na época, “uma reação fortíssima da ADUFPA (Associação dos Docentes da Universidade Federal do Pará), que achava que era um projeto clientelista”.<sup>12</sup> Todavia, observa que o projeto foi

---

<sup>10</sup> HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

<sup>11</sup> POLLAK, M. Memória e Identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p: 200-212, 1992.

<sup>12</sup> No momento da implantação do Projeto de Interiorização o Professor Nilson Pinto era o Pró-Reitor de Extensão. Entrevista concedida pelo Professor Nilson Oliveira, op.cit.

amplamente apoiado pelos alunos e pelos professores das licenciaturas e progressivamente conquistando novos adeptos. As incertezas sobre algo tão ousado ficam evidentes no pronunciamento do professor Filardo Bassalo, em 1986, lembrando que, quando estudante, viveu a experiência de escolas que não ofereciam a parte prática, e conclui de forma sarcástica: “talvez por isso eu seja um físico do Terceiro Mundo”. No mesmo tom, raciocinou que os alunos do interior, “obviamente, serão uns físicos do Quarto Mundo”.<sup>13</sup> Concordando em parte com professor Bassalo, na mesma ocasião o professor Nilson Pinto reafirma a necessidade de interiorizar a UFPA e ressalta:<sup>14</sup>

[...] quando se faz um levantamento da situação educacional no interior do Estado é que se vê que hoje eles não pertencem nem ao oitavo mundo; dos cem estudantes que fizeram concurso vestibular em Bragança, não passou nenhum, e a coisa é mais ou menos semelhante nos outros interiores. Nós temos no interior dois terços da população do estado e um segundo grau muito ruim, realmente péssimo; se o de Belém é ruim, o de lá nem se compara.

A então Pró-Reitora de Ensino de Graduação, professora Ana Tancredi, planejou o Projeto Político-Pedagógico da Interiorização a pedido do próprio Reitor Seixas Lourenço, alertando-o para que não insistisse nos erros do passado, quando outros cursos foram criados em caráter de licenciatura curta, gerando muitos problemas para a UFPA. A professora Ana Tancredi, vinte e cinco anos depois, continua defendendo o projeto, que para ela representava um dever social da UFPA para com a comunidade:

A Universidade paga uma dívida que ela tem com todo o Estado porque era a única Universidade Federal que existia na época. Tinha a rural, hoje UFRA, mas que não se ocupava desse tipo de curso, sendo um compromisso que ela já devia ter assumido e foi assumir na época.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> Ata do CONSEP (Conselho de Ensino e Pesquisa). 3/6 de fevereiro de 1986.

<sup>14</sup> Ata do CONSEP (Conselho de Ensino e Pesquisa) de 3/6 de fevereiro de 1986.

<sup>15</sup> Entrevista concedida pela Professora Ana Tancredi para o Projeto “UFPA uma Universidade *Multicampi*: 25 anos de ensino superior regionalizado no Pará”. Entrevista concedida ao projeto em outubro de 2011.

Segundo a professora, notava-se, na ocasião, “uma espécie de revitalização dentro da Universidade”, e havia “um compromisso expresso dos professores”, evidenciando que a grande maioria da comunidade acadêmica estava convencida em levar o projeto à frente, até mesmo mudando a concepção de muitos sobre a interiorização, quando perceberam sua dimensão. Houve também grande interesse das prefeituras municipais e a mobilização da comunidade, que abraçou o projeto, observando-o como algo que contribuiria para uma efetiva melhoria social, dando uma nova dinâmica aos municípios beneficiados. Prova dessa mobilização foi quando, como lembra o professor Nilson Oliveira, os próprios professores de Abaetetuba se organizaram para pedir pessoalmente ao Reitor José Seixas a criação de licenciaturas em seu município.<sup>16</sup>

O programa pretendia assumir os *campi* do antigo Projeto Rondon, que colocava universidades do Sul e Sudeste como responsáveis pelos *campi* de alguns municípios do Estado, como o caso do *campus* de Santarém, onde era desenvolvido um trabalho pela Universidade Federal de Santa Catarina:

O pessoal da comunidade é que pôs uma certa resistência à saída da Federal de Santa Catarina e à entrada da Federal do Pará [...] que tinha um trabalho desenvolvido de extensão que era interessante, e eu disse a eles que nós iríamos fazer cursos de graduação e que a Universidade vinha pra ficar. A desconfiança aumentou porque havia em Santarém experiências anteriores da Universidade Federal do Pará, que chegou a ministrar cursos de licenciatura em condições muito precárias. Naquele momento mesmo estava em andamento um Curso de Pedagogia em condições precaríssimas, financiado pela SUDAM e ministrado pela Universidade Federal do Pará, que vinha desde 1981 e não terminava, porque não tinha professores, não tinha recursos etc.<sup>17</sup>

O professor Nilson Pinto considerava, à época, que a interiorização acabaria democratizando o ensino no Estado. Era grande o número de municípios que não ofereciam o ensino médio, fazendo com que nascer (e viver) em alguns locais fosse praticamente sinônimo de estudar apenas até o

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida pelo Professor Nilson Pinto, op.cit.

<sup>17</sup> Ibidem.

ensino fundamental.<sup>18</sup> O objetivo era melhorar a formação dos professores e do ensino das redes públicas no Pará. A UFPA só tinha cursos na capital e não oferecia vagas suficientes para formar um grande número de professores. Por essas razões, e ainda considerada a situação educacional calamitosa encontrada em muitos municípios, houve uma preferência pela criação das licenciaturas no interior do Estado, escolha que se torna plausível também porque em um primeiro momento não havia possibilidade financeira de se implantar outros cursos. O professor Nilson Pinto apontou, na época, que a SEDUC expôs aos membros da UFPA os dados da educação no interior do Estado, demonstrando a necessidade imediata da formação de professores, já que, do total de docentes que atuavam no interior, apenas 1% apresentava licenciatura plena, sendo outra parcela possuidora apenas de licenciatura curta e a grande maioria composta de professores sem formação superior.<sup>19</sup>

Os cursos foram planejados para serem ministrados no período intervalar das aulas da UFPA e das redes de ensino, de forma concentrada, com docentes da capital que se deslocariam para os polos do projeto, onde a UFPA criaria *campi*. A opção por interiorizar foi uma opção política dentro do contexto da época e tinha como objetivo principal tornar a UFPA efetivamente uma universidade do estado. A interiorização fez com que a UFPA se repensasse e, vinte e cinco anos depois, é uma universidade *multicampi*. Veja-se a avaliação do professor Miguel Ramos sobre a opção das licenciaturas: “[...] eu diria que foi a decisão mais acertada da Universidade para a nossa realidade de Bragança e entorno da região”.<sup>20</sup> Neste artigo, por absoluta falta de espaço, analisaremos aspectos deste processo mais centrados na escolha dos cursos, na forma de ministrar as aulas, nos cursos intervalares e concentrados, nas características das turmas e na estrutura inicial dos *campi*.

O foco no ensino fica claro quando a professora Hildete Pereira fala sobre sua experiência quando discente no *campus* de Marabá, e declara que “era ensino, não se fazia pesquisa nem extensão, não se sabia nem o que

---

<sup>18</sup> Ata do CONSEP (Conselho de Ensino e Pesquisa) de 3/6 de fevereiro de 1986.

<sup>19</sup> *Ibidem*.

<sup>20</sup> O Prof. Miguel Ramos da Silva foi coordenador do *campus* de Bragança e de Cametá. Entrevista para o Projeto “UFPA uma Universidade *Multicampi*: 25 anos de ensino superior regionalizado no Pará”. Entrevista concedida ao projeto em junho de 2011, publicada no repositório <http://multimedia.ufpa.br/jspui/simple-search?query=interioriza%C3%A7%C3%A3o&submit.x=0&submit.y=0>.

vinha a ser isso”.<sup>21</sup> A escolha das licenciaturas revelou alguns problemas, especialmente ligados aos Cursos de Ciências Exatas e Naturais, já que estes precisavam de laboratórios para atender minimamente às necessidades dos cursos, como deixava claro o então Reitor José Seixas Lourenço: “muito embora haja um parecer favorável da comissão do Centro de Ciências Exatas e Naturais, nós não temos os instrumentos”.<sup>22</sup> Foram escolhidos os cursos de Letras, Pedagogia, Matemática, História e Geografia. Ficou determinado que, mesmo com a autorização da instalação dos cursos, fossem efetivadas “avaliações qualitativas e periódicas, as quais devem ficar disponíveis ao conhecimento tanto da comunidade quanto dos conselhos”.<sup>23</sup>

A preocupação com a qualidade dos cursos oferecidos no interior surge constantemente na documentação e gerou muitas polêmicas, como percebemos nas palavras do professor Mario Cardoso, que fala “de situações anteriores, constrangedoras à Universidade Federal do Pará, quando realizados cursos fora da sede”.<sup>24</sup> A avaliação tornou-se constante, sendo que em setembro de 1988 a professora Ruth Moraes convocou todos para a “Quarta Etapa da Semana de Avaliação dos Cursos de Licenciatura do Projeto de Interiorização”.<sup>25</sup>

O Programa de Interiorização, em seu planejamento inicial, contou com oito polos regionais no Estado: Castanhal, Bragança, Soure, Abaetetuba, Cametá, Marabá, Altamira e Santarém. A escolha observou a localização estratégica dos *campi* para o deslocamento a partir dos municípios próximos, bem como sua importância econômica e sua posição como polo de desenvolvimento regional.

A participação das prefeituras, desde o início, foi um fator fundamental para a instauração dos cursos nos *campi*. Nesse sentido, o professor Seixas Lourenço lembra que, naquele momento, não havia grande apoio financeiro do Estado e mesmo do Ministério da Educação para

---

<sup>21</sup> Hoje ela é doutora em Pedagogia e coordenadora do *campus* de Marabá. Entrevista concedida pela Professora Hildete Pereira para o Projeto “UFPA uma Universidade *Multicampi*: 25 anos de ensino superior regionalizado no Pará”. Entrevista concedida ao projeto em junho de 2011, publicada no repositório <<http://multimedia.ufpa.br/jspui/simple-search?query=interioriza%C3%A7%C3%A3o&submit.x=0&submit.y=0>>.

<sup>22</sup> Ata do CONSEP (Conselho de Ensino e Pesquisa) de 1 de março de 1986.

<sup>23</sup> Ata do CONSEP (Conselho de Ensino e Pesquisa) de 1 de março de 1986.

<sup>24</sup> Ata do CONSEP (Conselho de Ensino e Pesquisa) de 2 de maio de 1988. O professor era presidente da ADUFPA em 1988.

<sup>25</sup> Ata do CONSEP de 28 de setembro de 1988. A professora Ruth Moraes era Pró-Reitora de Ensino de Graduação da UFPA na época.



financiar o Projeto de Interiorização, por esse motivo era necessária a contribuição do poder público local para a instalação dos cursos, e mesmo o esforço das prefeituras para viabilizar as ações da UFPA:

No caso de Bragança, a gente chegou a cogitar a fazer ali em Capanema, porque você tem ali duas cidades importantes, tanto Bragança quanto Capanema, e aí no caso prevaleceu muito o empenho do poder público local. Eu lembro que o prefeito João Mota foi de um trabalho incessante de ceder escola [...].<sup>26</sup>

Como vemos, a questão de recursos surge como um grande obstáculo a ser contornado, especialmente no início da interiorização. O professor Seixas Lourenço ressalta que, para conduzir essa situação, foi muito importante a autonomia que a UFPA possuía para administrar seus recursos. Foi possível organizar um planejamento voltado à interiorização, de modo que a UFPA pagava aos docentes que iam ministrar aulas no interior com diárias e passagens, enquanto as prefeituras locais cediam casas ou hotéis para os professores. A diária acabava saindo como estímulo aos docentes.<sup>27</sup>

O professor Nilson Oliveira lembra que os convênios feitos com as prefeituras definiam que elas cederiam salas de escolas municipais, o alojamento de professores e a alimentação. Algumas prefeituras ajudavam os alunos com transporte até os polos e às vezes até com alimentação e diárias. A contribuição desses prefeitos não pode ser esquecida, tendo sido fundamental para o sucesso da interiorização.<sup>28</sup> O apoio aos alunos garantia, entre outros elementos, a não evasão. O coordenador do *campus* de Santarém, Aldo Queiroz, observa que no início “todos os funcionários eram fornecidos pela prefeitura, o telefone era um ramal via prefeitura, material de limpeza era a prefeitura [que fornecia]”.<sup>29</sup> Ressalta ainda que existia uma resistência, sobretudo dos professores mais novos, de irem dar aulas no interior.<sup>30</sup>

---

<sup>26</sup> Entrevista concedida pelo Professor José Seixas Lourenço, op.cit.

<sup>27</sup> Ibidem.

<sup>28</sup> Entrevista concedida pelo Professor Nilson Oliveira, op.cit.

<sup>29</sup> Entrevista concedida pelo Professor Aldo Queiroz para o Projeto “UFPA uma Universidade *Multicampi*: 25 anos de ensino superior regionalizado no Pará”. O professor foi o primeiro coordenador do *campus* de Santarém.

<sup>30</sup> Ibidem.

Não eram todas as prefeituras dispostas a contribuir, como afirma a professora Hildete Pereira que, quando discente, morava em Xinguara e cursava Pedagogia no *campus* de Marabá. Ela rememora que os alunos oriundos de Xinguara não tiveram apoio financeiro algum.<sup>31</sup> Segundo a professora, “não era interesse algum das prefeituras ter gente na Universidade, havia uma crença de que formavam comunistas, formavam marxistas”, chegando ao extremo de “uma etapa que nós não tínhamos um real pra comer”.<sup>32</sup>

Sobre a questão das diárias, mesmo se tratando de um incentivo importante, cada vez mais a UFPA procurava meios de regulamentar e viabilizar de forma mais organizada e sistemática o pagamento aos professores que ministravam aulas na interiorização. Nesta perspectiva estava a preocupação da professora Maria Celeste Medeiros em debater a questão da ida do professor da capital ao interior, fazendo-a sugerir uma regulamentação e um maior planejamento da universidade, “para de fato organizar melhor esse período de interiorização”.<sup>33</sup> Por sinal, a questão das diárias, passagens e hora-aulas pagas aos professores volta e meia era discutida nas atas do Conselho Universitário como algo que necessitava ser fiscalizado, para evitar problemas e irregularidades, como bem apontou, em 1986, o Conselheiro Netuno Nobre Villa:

É fundamental que toda a atividade conste do plano departamental porque senão daqui a pouco todo mundo vai querer ir para o interior, pega um salário aqui e outro lá, isso é tremendamente perigoso.<sup>34</sup>

O sistema de diárias e os cursos intervalares foram as únicas alternativas da UFPA, em um primeiro momento, para promover a interiorização, já que não havia possibilidades de se estabelecer um quadro permanente de docentes. A defesa da forma escolhida pela UFPA para se interiorizar foi feita por todos os 25 entrevistados do projeto. O segundo passo seria a fixação de um corpo docente permanente nos *campi* do interior,<sup>35</sup> o que foi sendo conquistado gradativamente. Em 1988, foi regulamentada a ida de docentes da capital para o interior, definindo a

---

<sup>31</sup> Entrevista concedida pela Professora Hildete Pereira, op.cit.

<sup>32</sup> Ibidem.

<sup>33</sup> Ata do CONSEP (Conselho de Ensino e Pesquisa) de 02 de janeiro de 1990. Presidente da ADUFPA na época.

<sup>34</sup> Ata do CONSEP (Conselho de Ensino e Pesquisa) de 1 de julho de 1986.

<sup>35</sup> Ibidem.

atuação dos professores na interiorização.<sup>36</sup> Pedagogicamente, os cursos concentrados receberam algumas críticas, como as apontadas pela professora Conceição Solano:

A história nos mostra o seguinte: os cursos concentrados, eles têm muita coisa, não é assim tão legal. Por quê? O professor tem uma carga horária pra cumprir, tem um programa pra cumprir e os alunos não tem só aquela disciplina, têm mais, têm duas disciplinas, então é um sufoco danado. Fazendo uma avaliação pedagógica, em termos do aproveitamento, é muita coisa em pouco tempo jogado sobre os alunos.<sup>37</sup>

Contudo, a professora argumenta que as dificuldades eram compensadas pela maturidade e o interesse dos alunos:

Mas o que a gente percebia em Abaetetuba é que eles, os que eram professores mesmo lá de Abaetetuba, estavam dispensados, viviam só pr'aquilo [...]. Mesmo assim, eu não sei se era pelo entusiasmo dos alunos, e mesmo os próprios professores. Uma coisa nova, era assim bem proveitoso.<sup>38</sup>

Mesmo com a preocupação expressa pela professora Conceição, a imagem dos cursos intervalares não caminhou apenas em uma direção. A professora Hildete Pereira defende:

Até hoje eu gosto de intervalar, eu acho que a crítica que se faz ao intervalar é que o aluno não tem tempo de incorporar conteúdos, porque é tudo muito apertado. Mas eu acho que tem uma concepção linear de incorporação de conteúdos, é como se a gente fosse enchendo uma gavetinha, fechou-guardou e a gente enche a seguinte, e a aprendizagem é muito mais dinâmica. O que me parece bom no intervalar é a

---

<sup>36</sup> Ata do CONSEP (Conselho de Ensino e Pesquisa) de 23 de Junho de 1988.

<sup>37</sup> Entrevista concedida pela Professora Conceição Solano para o Projeto “UFPA uma Universidade *Multicampi*: 25 anos de ensino superior regionalizado no Pará”. Entrevista concedida ao projeto em junho de 2011, publicada no repositório <<http://multimedia.ufpa.br/jspui/simplearch?query=interioriza%C3%A7%C3%A3o&submit.x=0&submit.y=0>>. A professora foi a primeira coordenadora do *campus* de Abaetetuba.

<sup>38</sup> *Ibidem*.

imersão, você mergulha numa disciplina [...] e você só fala, só pensa, mastiga aquilo durante quinze dias, convive intensamente com esse professor: debate, briga, escreve [...]. Essa imersão tem um efeito na aprendizagem que às vezes é maior do que o fato de você ter tempo de refletir. Eu vivi as duas experiências como docente, de atividades condensadas, compactadas (como queiram chamar) e atividades espaçadas ao longo do tempo. Pode ser uma dificuldade minha como docente, mas renderam muito mais as atividades concentradas. Vou dar um exemplo grosseiro: você pega uma disciplina segunda-feira de manhã [...], de segunda em segunda você vai lá [...] o pessoal não se lembra do que você disse na semana passada, porque ele passou por sete/oito disciplinas distintas. Então existe uma competição entre que tipo de professor é mais exigente, que tipo de conhecimento eu tenho que dominar e às vezes o conhecimento que você ‘tá discutindo, na hierarquia ele fica abaixo. Então o pessoal não faz o seu trabalho, não lê o seu texto porque o outro professor vai fazer a prova e você não vai, entende? [...] Então a dinâmica do regular até hoje eu não me adaptei muito, eu continuo curtindo muito o trabalho condensado.<sup>39</sup>

Percebemos algo em comum nas avaliações: a dedicação dos alunos da interiorização, que superavam todas as dificuldades. Essa dedicação surge na fala da professora Hildete com o nome de “imersão” no conteúdo. Questão muito possivelmente ligada ao grau de maturidade dos alunos, a grande maioria já professor estadual ou municipal e com uma média de idade superior aos discentes da capital<sup>40</sup>, características que serviam para definir um perfil das turmas, que as diferenciavam das turmas da capital e dariam a base para superar as dificuldades de um ensino intervalar e concentrado. De qualquer forma, podemos relativizar a suposta “superioridade” de um método em relação ao outro. Os cursos intervalares continuam ainda hoje nos *campi* e são um recurso para os alunos que moram em outros municípios e só podem estudar nos meses de janeiro, fevereiro, março, julho e agosto. Quando a professora Hildete ressalta nunca ter se adaptado muito à dinâmica do regular e admitindo que isso possa ser

---

<sup>39</sup> Ibidem.

<sup>40</sup> Entrevista concedida pela Professora Ana Tancredi, op.cit.

uma dificuldade sua, como docente, nos parece uma fala consistente e formada a partir de uma experiência coletiva.

Por outro lado, vale frisar que a instauração de cursos regulares no interior do estado também gerou algumas polêmicas, como notamos na proposta de criação de cursos permanentes de Letras e de licenciatura plena em Matemática, proposta que integrava o Projeto de Consolidação e Expansão dos Cursos de Licenciatura no Interior do Estado.<sup>41</sup> Sobre esse assunto, na mesma ata do CONSEP de 21 de fevereiro de 1992, o Professor Luciano Nicolau destacou que:

[...] o Estado, através de um convênio, assinado também com as prefeituras, vai dar todos os docentes para estes cursos, vão ser professores do Estado, já que a universidade não tem vaga para isso e nós vamos ficar aqui coordenando e fazendo a supervisão.<sup>42</sup>

O professor se refere à contratação dos professores FADESP. A reitoria da UFPA fez um convênio com a Fundação de Amparo e Desenvolvimento a Pesquisa (FADESP), que passou a contratar professores para lecionarem nos cursos de licenciatura da UFPA nos vários *campi*. Os professores eram selecionados pelos departamentos onde estavam alocadas as disciplinas que seriam lecionadas, eram contratados por dois anos, a seleção era um processo simplificado de análise de currículo e de uma prova escrita. Estes professores não pertenciam aos quadros da UFPA, não eram professores substitutos da instituição, eram contratados pela FADESP e eram pagos através de um convênio que a UFPA realizou com o governo do Estado. Eles passaram a compor o quadro docente dos *campi*, já que a UFPA não tinha vagas para concurso e, querendo implantar cursos regulares nos *campi* do interior, aposta em professores pagos pela FADESP. Todavia, esse convênio foi questionado principalmente pela ADUFPA. O então Reitor Nilson Pinto defendeu: “há a expectativa de que tudo isso sirva para consolidar definitivamente a Universidade no interior do estado”. E completou:

Nós criamos o fato dos cursos permanentes em período regular para que tenhamos possibilidades, posteriormente, com esse fato consumado, [de]

---

<sup>41</sup> Ata do CONSEP (Conselho de Ensino e Pesquisa) de 21 de fevereiro de 1992.

<sup>42</sup> *Ibidem*.

pressionar o governo federal para que remeta ao Congresso Nacional projeto de lei que autorize a Universidade a ampliar seus quadros, para ela assumir, na sua integralidade, esse trabalho com este corpo docente, e que a universidade se consolide efetivamente como Universidade *Multicampi*.<sup>43</sup>

Os conselhos dos centros também debatiam o projeto de interiorização e suas atas revelam um outro olhar sobre o processo, focando em assuntos mais próximos dos docentes. No Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, o debate sobre a temática da interiorização estava pautado na reclamação dos conselheiros acerca do atraso do pagamento de diárias para os docentes envolvidos na interiorização; exemplo disso é a fala do professor Cirilo Guerra,<sup>44</sup> quando reclama do atraso do pagamento de diárias e da falta de diárias nos finais de semana.

Nos centros foram apreciados vários projetos de criação de cursos no interior do estado.<sup>45</sup> Sem especificar questões sobre o financiamento, o CFCH condicionou a criação dos cursos ao cumprimento de algumas exigências. Os principais pontos foram: 1- Garantia de infra-estrutura nos municípios (salas de aula, biblioteca, hospedagem para os docentes etc.); 2 - Garantia da remuneração dos docentes envolvidos; 3 - Garantia de contratação de pessoal de apoio, a ser colocado à disposição dos colegiados dos cursos de Belém; 4 - Garantia de gratificação aos coordenadores de vários cursos. Tais exigências perduraram por toda a década de 1980, como podemos ver em 1986, em ata em que o diretor, Prof. Alex Fiúza, afirmava que:

[...] os Diretores de Centro condicionaram o Projeto de Interiorização da UFPA à garantia de todas as exigências anteriormente feitas, ou seja, os Departamentos e Colegiados não arcarão com a Interiorização se a UFPA não lhes der o respaldo necessário para tal [...].<sup>46</sup>

Críticas são feitas pelos professores, como as da conselheira Eunice Penner, na reunião do dia 09 de fevereiro de 1987:

---

<sup>43</sup> Ibidem.

<sup>44</sup> Ata do Conselho de Centro do CFCH de 11 de agosto de 1985.

<sup>45</sup> Ata do Conselho de Centro do CFCH de 26 de dezembro de 1985.

<sup>46</sup> Ata do Conselho de Centro do CFCH de 7 de abril de 1986.

[...] comunicou dos inúmeros problemas por que vem passando o curso de interiorização no município de Marabá [...] os professores carecem de alimentação, transporte, a coordenação local [...] não tem experiência de coordenação, desconhecendo, inclusive, o currículo do curso; não há condições básicas nem para os professores, nem para os alunos, o que não ocorre em Santarém e Bragança, onde os cursos têm funcionado a contento [...].<sup>47</sup>

O debate sobre a qualidade dos cursos foi grande, servindo inclusive para repensar os projetos pedagógicos dos cursos de licenciatura da UFPA. Sobre este assunto, o professor Alex Bolonha Fiúza de Melo afirmou, em setembro de 1987: o cerne da questão está na estrutura dos cursos.<sup>48</sup> Em meio ao debate, o Professor Ernani Chaves disse, na mesma ocasião: “[...] o Projeto de Interiorização tende [...] a aumentar [...] e nesse sentido o que chamamos ‘comunidade’ ganhará contorno mais gigantesco e preocupante”.<sup>49</sup>

O perfil dos alunos das turmas da interiorização em certa medida influencia na postura das turmas e nas formas de organização e mobilização praticadas por elas, como apontou a professora Hildete Pereira, na época discente do *campus* de Marabá:

Eu nunca tive inserção no Movimento Estudantil, por exemplo, universitário, eu já era sindicalista [...]. Às vezes os meninos do DCE iam pra lá, mas era peixe fora da água, era outro mundo.<sup>50</sup>

A professora Ana Tancredi lembra a dedicação dos alunos do interior, o que resultou em baixíssimos índices de evasão, bem abaixo do que os índices da capital.<sup>51</sup> A prova da importância da superação de tantos obstáculos se reflete na vontade de obter uma formação que mobilizava caravanas de alunos de municípios para os polos da UFPA. A professora Hildete Pereira lembra que muitos já atuavam como professores e

---

<sup>47</sup> Ata do Conselho de Centro do CFCH de 9 de fevereiro de 1987.

<sup>48</sup> Ata do Conselho de Centro do CFCH de 8 de setembro de 1987.

<sup>49</sup> *Ibidem*.

<sup>50</sup> Entrevista concedida pela Profa. Dra. Hildete Pereira, *op.cit.*

<sup>51</sup> *Ibidem*.

esperavam ansiosamente a oportunidade, garantindo: “a gente não estava ali pra brincar!”.<sup>52</sup> Falando sobre o perfil da primeira turma de Pedagogia em Abaetetuba, onde foi discente, o professor Gilmar Pereira afirma que:

É muito interessante essa coisa das turmas, porque, como era, havia um foco pra essa formação, que era a formação de licenciados pra atuar na escola pública do Estado. Pra você ter uma ideia, aquela época as cidades polos, Abaetetuba e Cametá, tinham dois, três licenciados, a grande maioria das pessoas que atuavam tinham o ensino médio. Então, nessa minha turma, 90%, 95% eram professores da rede, eu era uma das poucas exceções e é uma coisa interessante porque já eram pessoas com uma certa idade.<sup>53</sup>

Podemos ainda nos respaldar na experiência da professora Rosa Helena, que afirma que, na sua turma, a grande maioria eram professores da rede, pouquíssimos alunos eram de outras instituições ou não estavam ainda no mercado de trabalho.<sup>54</sup> Portanto através destes relatos, temos a confirmação de que a Universidade, apesar de alguns problemas e deficiências, conseguiu atingir os professores da rede de ensino e modificar, mesmo que não totalmente, a alarmante carência de professores com uma formação superior.

A ida para o interior foi um verdadeiro desafio, não existia uma ideia clara e consolidada sobre como seria este projeto, que foi se construindo a partir das experiências e das incertezas, que geravam as mais diversas reações:

---

<sup>52</sup> Ibidem.

<sup>53</sup> Entrevista concedida pelo Prof. Dr. Gilmar Pereira da Silva para o Projeto “UFPA uma Universidade *Multicampi*: 25 anos de ensino superior regionalizado no Pará”. Bragança, PA, 09 de junho de 2011. O Prof. Gilmar é coordenador do *campus* universitário de Cametá desde 2006. Publicada no repositório multimídia da UFPA <<http://multimidia.ufpa.br/jspui/simplearch?query=interioriza%C3%A7%C3%A3o&submit.x=0&submit.y=0>>

<sup>54</sup> Entrevista concedida pela Profa. Msc. Rosa Helena Sousa de Oliveira para o Projeto “UFPA uma Universidade *Multicampi*: 25 anos de ensino superior regionalizado no Pará”. Belém, PA, 25 de outubro de 2011. A professora foi aluna do *campus* de Bragança e hoje é sua coordenadora. Publicada no repositório multimídia da UFPA <<http://multimidia.ufpa.br/jspui/simplearch?query=interioriza%C3%A7%C3%A3o&submit.x=0&submit.y=0>>



Foi muito ousado, muito ousado, a proposição de oito licenciaturas no interior do Estado, algumas bem na marra, eu não vou te dizer que foi muito fácil.<sup>55</sup>

A UFPA teve que construir diversas redes de solidariedade e buscar o apoio de múltiplos sujeitos, que ajudaram a tornar o projeto viável. Segundo a professora Leila Mourão, buscou-se articulação com todos os segmentos da sociedade:

Foi sem dúvida indispensável o apoio das prefeituras e do Governo do Estado, as primeiras turmas funcionaram em escolas municipais e estaduais, a grande maioria dos Cursos iniciavam nas escolas estaduais e municipais, e aí as parcerias com o Estado, Município e Universidade foram fundamentais pra implantação [...] em todos os sentidos, porque o MEC pouco se sensibilizou naquele momento.<sup>56</sup>

Tal parceria entre as prefeituras e a Universidade se torna ainda mais indispensável, quando temos conhecimento de todos os conflitos e debates gerados por conta do custeio dos professores, que chegavam mesmo a por em risco o projeto de interiorização, como pode ser verificado em documento de 1989:

Para o professor Joaquim está havendo prejuízo para o professor que vai para os *campi* [...] deve-se entregar o caso à competência da PROEG, pois ou se garante um Curso de Alto Nível ou se acaba com a interiorização.<sup>57</sup>

É claro que não podemos idealizar o apoio das prefeituras e do Estado; existiram também falhas e uma série de deficiências neste apoio. Às

---

<sup>55</sup> Entrevista concedida pela Profa. Dra. Leila Mourão para o Projeto “UFPA uma Universidade *Multicampi*: 25 anos de ensino superior regionalizado no Pará”. Belém, PA, 25 de outubro de 2011. A professora foi Coordenadora do Programa de Interiorização da PROEX-UFPA de 1989 a 1997. Entrevista concedida ao projeto em 25 de Outubro de 2011. Publicada no repositório multimídia da UFPA <<http://multimidia.ufpa.br/jspui/simplesearch?query=interioriza%C3%A7%C3%A3o&submit.x=0&submit.y=0>>

<sup>56</sup> Ibidem.

<sup>57</sup> Ata do Conselho de Centro. Instituto de Letras e Comunicação, 9 de março de 1989.

vezes, a mudança de prefeitos deixava a UFPA em uma situação extremamente delicada:

[...] o que substitui o prefeito de Bragança, que anteriormente mantinha os professores, por exemplo, nos melhores hotéis, considerou um gasto muito grande e mandou alugar uma casa e pôe uma pessoa pra cuidar, isso foi uma verdadeira rebelião dos professores, porque realmente assim ele colocou as coisas pra pior [...].<sup>58</sup>

As parcerias ocorriam também entre as prefeituras e os próprios estudantes. A experiência do *campus* de Soure bem revela o professor Carlos Elvio, que foi discente do *campus*:

A prefeitura de Breves investiu muito no início no pessoal que foi pra Soure, assim à época a prefeitura bancava praticamente tudo o que era necessário para passarmos os dois meses lá, janeiro e fevereiro, julho e agosto, então nós levávamos assim fardos de charque, sacas de farinha, sacas de arroz, você imagine, era um contingente de mais ou menos 60 alunos de Breves que iam todos juntos pros diversos cursos, nós levávamos tudo.<sup>59</sup>

Através da interiorização, o professor vai construindo um novo papel dentro da Universidade, tem novas experiências, enfrenta problemas que antes não enfrentava, se envolve em questões que antes não debatia, construindo uma nova visão da docência e da própria UFPA. Vejamos a experiência do professor José Miguel:

Eu mudei bastante, acho que me tornei um melhor professor com essa experiência, mudei muita coisa na minha maneira de proceder. Eu era professor concursado na Escola Politécnica da USP, e aí eu cheguei em Abaetetuba, foi o primeiro Curso de

---

<sup>58</sup> Entrevista concedida pela Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Leila Mourão, op.cit.

<sup>59</sup> Entrevista concedida pelo Prof. Msc. Carlos Elvio das Neves Paes para o Projeto “UFPA uma Universidade *Multicampi*: 25 anos de ensino superior regionalizado no Pará”. Bragança, PA, 10 de junho de 2011. O professor foi coordenador do *campus* universitário de Breves de 2009 a 2013. Entrevista concedida em 10 de junho de 2011.

Cálculo que eu dei na Universidade Federal do Pará, aí eu peguei o mesmo livro que eu estava utilizando na Escola Politécnica da USP e falei pros alunos: “olha, vocês vão fazer um curso com o mesmo nível que é feito na melhor escola de engenharia de São Paulo”, e toda hora eles me interrompiam, reclamavam que ‘tava muito difícil, que ‘tava complicado e eu os convencia que tinham que continuar.<sup>60</sup>

O professor foi levado a repensar sua metodologia, sua didática, sua própria relação com os alunos, que, sem dúvida, também contribuíram para que o professor reconstruísse e repensasse sua maneira de ensinar:

Eu aprendi a explicar as coisas sempre duas vezes em uma aula de matemática, é uma coisa que eu faço até hoje. Eu dou uma primeira explicação, espero eles copiarem tudo, depois explico tudo sem eles precisarem copiar, aí eles prestam atenção no que eu ‘tô falando.<sup>61</sup>

Uma das grandes marcas desse repensar docente foram as aulas intensivas e concentradas, a experiência dentro do *campus* e as dificuldades da interiorização, que apontaram para este caminho. O professor Gilmar Pereira, que foi discente em Abaetetuba, faz uma avaliação positiva da sua experiência como aluno, quando questionado se os cursos intervalares e as aulas concentradas trouxeram prejuízos para sua formação:

É uma pergunta, é inclusive uma coisa que eu acho que precisa ser avaliada, essa foi uma criação nossa, da Universidade Federal do Pará, e que eu tenho clareza que foi muito positiva, sobretudo a questão dos cursos intervalares. Se você pegar da minha turma, da minha época né, todo mundo do seu ponto de vista da atuação profissional na área que escolheu, todos eles foram bem

---

<sup>60</sup> Entrevista concedida pelo Prof. Dr. José Miguel Veloso para o Projeto “UFPA uma Universidade *Multicampi*: 25 anos de ensino superior regionalizado no Pará”. Belém, PA, 26 de outubro de 2011. Atualmente o professor é Assessor da Educação a Distância da UFPA (gestão de 2009 a 2013). Entrevista concedida em 26 de Outubro de 2011. Publicada no repositório multimídia da UFPA <<http://multimidia.ufpa.br/jspui/simplearch?query=interioriza%C3%A7%C3%A3o&submit.x=0&submit.y=0>>.

<sup>61</sup> *Ibidem*.

sucedidos né. E assim grande parte de nós, seja dos cursos intervalares, seja dos Cursos Regulares, fizeram mestrado, outros fizeram doutorado, estão nas suas áreas. Então eu penso que é uma experiência extraordinária, a questão dos cursos [...]. Os professores que foram para o interior eram pessoas altamente comprometidas [...] ao ponto de viverem conosco as preocupações, construir conosco aquelas preocupações.<sup>62</sup>

Fazendo um balanço dos professores que vinham de Belém dar aulas na interiorização, o professor Carlos Elvio, que foi discente no *campus* de Soure, também faz uma avaliação positiva do processo:

Eu considero que, pra minha formação até hoje, a minha base da licenciatura que eu fiz ela foi, assim, fundamental em termos da qualidade, né. Eu pelo menos sou oriundo deste programa e devo realmente [a ele] tudo o que eu consegui [...]. Um curso, eu diria assim, pelo menos pra mim, muito estruturado, com professores qualificados, o pessoal que ia aquela época e que trabalhou pelo menos com a nossa turma era um pessoal muito comprometido.<sup>63</sup>

Os dois alunos, hoje professores, apontam o comprometimento dos docentes da interiorização e não acreditam que foram prejudicados na sua formação. Todavia, não podemos idealizar esta relação entre professores e alunos; o depoimento da professora Rosa Helena evidencia alguns atritos entre eles:

Podemos dizer que com um ou outro professor nós tínhamos alguns obstáculos, algumas barreiras, mas a turma também era muito comprometida, era muito unida, se a turma percebia que o professor não estava trabalhando adequadamente, isso não no ponto de vista de vista de facilitar a vida do aluno, mas de trazer uma formação realmente de qualidade, a turma reunia e encaminhava algum documento pros Departamentos [...] muito raros mesmo, os professores tinham um

---

<sup>62</sup> Entrevista com o Prof. Dr. Gilmar Pereira da Silva, op.cit.

<sup>63</sup> Entrevista concedida pelo Prof. Msc. Carlos Elvio das Neves Paes, op.cit.

compromisso com o ensino, com a qualidade de ensino, com a formação.<sup>64</sup>

O depoimento da professora Rosa Helena nos faz pensar sobre um aspecto interessante das turmas da interiorização, o fato de serem unidas; isto porque acabavam construindo vínculos muito fortes, muitos tinham em comum o fato de terem deixado sua família, sua casa, e em alguns casos até chegaram a morar juntos, o que sem dúvida fazia com que estas turmas fossem bem integradas. Vejamos o que o professor Carlo Elvio nos conta sobre como o fato de ter ficado em um alojamento com outros estudantes tornou-se um diferencial na sua formação:

A gente interagia tanto dentro de sala de aula como no próprio alojamento, essa proximidade permitia que a gente estivesse muito junto mesmo, às vezes até discutindo algumas questões com colegas de outros cursos.<sup>65</sup>

Portanto, o que se percebe, da experiência dos alunos, é que não avaliavam a interiorização de forma negativa: mesmo com cursos intervalares e aulas concentradas, eles não acreditam que houve grandes danos à sua formação. Não é possível dizer que as turmas de interiorização foram melhores ou piores que as da capital, o que ocorreu é que elas construíram um outro ritmo e um outro método para estudar e, no meu entendimento, deram conta.

A interiorização foi sendo construída e repensada, através das experiências de reitores, professores, alunos e funcionários. Portanto, a UFPA se tornou *multicampi* não apenas por seus *campi* mas também pela diversidade de sujeitos que participaram desta construção.

O professor Miguel fez uma avaliação positiva desta experiência, que trouxe muitas contribuições e avanços na formação de professores no Estado:

Olha, nós tínhamos pouquíssimos professores de matemática, eu acho que em Abaetetuba tinham dois licenciados, Altamira tinha um licenciado, e quando nós terminamos as turmas, essa turma de Abaetetuba

---

<sup>64</sup> Entrevista concedida pela Profa. Msc. Rosa Helena Sousa de Oliveira, op.cit.

<sup>65</sup> Entrevista concedida pelo Prof. Msc. Carlos Elvio das Neves Paes, op.cit.

[...] mais de trinta alunos formados, e você deixou um quadro de professores pelo menos no ensino médio da cidade. Altamira foi a mesma coisa. Então nessas cidades nós saímos do zero no ensino da matemática, pra um patamar bom, pelo menos os professores que nós formamos tinham uma boa fundamentação, tinham tido contato com a matemática [...] alguns fizeram TCCs interessantes. Então eu acho que o aproveitamento desse programa foi pro estado do Pará excelente, era um campo virgem, quando nós terminamos, pelo menos em dez cidades do interior nós tínhamos professores de matemática.<sup>66</sup>

Para se interiorizar, a Universidade Federal do Pará precisou ir muito além de uma expansão física. Ela precisou forjar uma nova cultura acadêmica, constituir novas relações, entre docentes, de docentes com discentes e de funcionários com discentes, assim como estabelecer uma nova relação com as sociedades locais, onde implantou seus *campi*.

Reitores, Conselhos de Centro e Departamentos também se depararam com uma nova realidade, que trouxe consigo vários desafios e problemáticas. Além disso, a sede se defrontou com novos sujeitos, os alunos da interiorização, que solicitavam cursos novos, fazendo reclamações e lutando por direitos. Esta percepção também indica uma visão diferenciada dos *campi*, que deixam de ser uma simples ramificação ou apêndice da sede para ser parte integrante da mesma. Na interiorização vemos uma Universidade que almejou se tornar *multicampi* e conseguiu, mesmo com limitações. Esta conquista não foi por conta de um projeto idealizado por reitores, mas sim por um acúmulo de experiências, onde conselhos, departamentos, professores, alunos e funcionários debateram o projeto de interiorização, dando novos sentidos a ele e à própria Universidade.

*Artigo enviado em abril de 2012; aprovado em novembro de 2012.*

---

<sup>66</sup> Entrevista concedida pelo Prof. Dr. José Miguel Veloso, op.cit.